

CARTOGRAFIAS POÉTICAS PARA (RE)HUMANIZAÇÃO DO APRENDER NA ACADEMIA

122

Leandro Augusto e Silva Miranda Cavalcante

IFRN – Campus João Câmara

Jullyana Maria Moreira Julião

Universidade Federal do Rio Grande do Norte (PPGED/UFRN)

DOI 10.21680/2595-4024.2023v6n1ID34286

Resumo: Este trabalho objetiva compreender como um evento de natureza à distância gera novas maneiras de partilhar aprendizagens e fazeres na área artístico-pedagógica. Para isso, baseia-se na experiência dos autores na mediação do Grupo de Conversa 6 do II Colóquio Internacional Poéticas do Aprender (II CIPA). A escrita busca responder a questão: como um evento realizado em formato remoto pode superar barreiras físicas, de espaço e tempo, integrando as pessoas participantes? Para respondê-la, dialogamos com: documentos de produção do Colóquio; textos de participantes do Grupo; texto coletivo produzido no evento; princípio e conceito de jogo como metodologia para o acontecimento da conversação.

Palavras-chave: II CIPA; (re)humanização acadêmica; saberes artístico-pedagógicos; formato remoto.

Abstract: This work aims to understand how a remote event can generate new ways of sharing learning and doing in the artistic-pedagogical area. For this, it is based on the experience of the authors in the mediation of one of the conversation groups of the II International Colloquium Poetics of Learning (II CIPA). The writing seeks to answer the following question: How can a remote format event overcome physical, space and time barriers, integrating the people involved in the event? To answer it, we dialogued with: production documents of the Colloquium; individual texts by group participants; collective text produced at the event; principle and concept of game as a methodology for the event of conversation.

Keywords: II CIPA; academic (re)humanization; artistic-pedagogical; remote format.

Nota introdutória ou convite a leitura

O que há de teatro no encontro telemático? Teatro só pode “teatrar” quando há presença física? Quais tipos de presenças o virtual também é capaz de oferecer? O teatro tem como objetivo de vida a execução e instauração de jogo, a coletividade entre corpos, a troca de olhares, um pulsar ritmado com os respiros entre palco e plateia; mas o que ninguém estava a prever é que uma crise sanitária nos atingiria e cessaria com os encontros entre corpos. Não nos parecem frutíferas agora lamentações sobre a impossibilidade da co-presença; assim, que tal ocuparmos nossas energias em refletir como produzir a potência coletiva de um trabalho artístico-pedagógico no ambiente digital?

Raia o sol nas poéticas do partilhar

Ao pensarmos na realização de um Colóquio Internacional na área de Educação, antes da pandemia, podemos ser levados a imaginar uma sequência linear do evento, com: chamada para trabalhos; inscrição; aprovação; viagem para local do evento; participação do evento; troca de experiências; retorno para cidade. No entanto, a natureza de controle e não transmissibilidade da Covid-19 fez com que a “não aglomeração” de pessoas, em um mesmo espaço, se tornasse uma das medidas preventivas de maior eficácia.

Não aglomerar, portanto, tem consequência direta com qualquer evento científico, fazendo com que as adequações atuem em outro nível de Recepção; Acomodação; Interação; e Apresentação, uma RAIA que, apesar das divisas fronteiriças, importantes para demarcar o lugar de fala, também nos remete ao brilho do sol quando RAIA em seu alvorecer. Esses níveis se inter cruzam em camadas de espaço/tempo/corpo remetendo a relações subjetivas inovadoras em que o modo de sentir os ambientes e as pessoas se misturam flexibilizando os limites outrora mais evidentes.

Assim, o ambiente doméstico, íntimo, privado, se revela na câmera aberta, antes inacessível aos olhos dos colegas de evento. As roupas, os objetos da casa, sua própria arquitetura, incluem vastos cenários “invasores” das ditas salas de trabalho científico, e não apenas nos aspectos visuais, como também nas sonoridades ruidosas traduzindo vida em ambientes variados, os fogões sendo ligados, as batidas de porta, o trânsito, os cachorros.

Há uma flexibilização, um relaxamento das tensões que eventos científicos culturalmente trazem ao se dividirem em programações organizadas, apolíneas, cartesianas, com horários para agir “de acordo” e com posturas tácitas de um corpo de pesquisador(a). No entanto, em cada casa, nós nos permitimos deixar a postos uma comidinha e bebidinha, mexemos o corpo de vez em quando, entendemos a importância de vestir roupas confortáveis, damos atenção para quem está naquela presença, da presença caseira.

Pensar, então, o espaço/tempo/corpo no nível de recepção, em um evento que obrigatoriamente precisa ocorrer à distância, é pensar como aproximar, em um tempo, os vários corpos nos múltiplos espaços íntimos. É mergulhar nos conceitos de um multiverso social em que “a origem se dá na ruptura de um projeto de modernidade institucionalizada pelos estados/nação” (GARCÍA, 2021, p. 123, tradução nossa)¹, em uma meta transitabilidade onde as dezenas de lugares criam um caleidoscópio de câmeras humanas. García aprofunda a discussão sobre multiverso social quando defende o paradoxo tecnológico que a sociedade moderna vive em momentos de crises:

A ideia do multiverso social nos permite compreender o paradoxo diante da modernização, o projeto prático e tecnológico contido na ideia de modernidade: o uso das tecnologias está relacionado às crises ambientais, sociais e econômicas das sociedades modernas, porém, para os Estados são essas mesmas ferramentas que se esperam resolver esses problemas. (GARCÍA, 2021, p. 127, tradução nossa, grifo nosso)²

Estas tecnologias podem aglutinar realidades distintas no evento sem resolver as crises, mas geram outras possibilidades relacionais que não se pautam mais na presencialidade do corpo físico, impossibilitado de viajar e aglomerar em lugares e ao mesmo tempo abrindo portais das várias culturas locais envolvidas.

¹ “El origen de este multiverso social lo ubicamos en el rompimiento del proyecto de modernidad institucionalizado por los estados/nación” (GARCÍA, 2021, p.123).

² “La idea del multiverso social nos permite entender la paradoja que enfrenta la modernización, el proyecto práctico y tecnológico contenido en la idea de la modernidad: el uso de las tecnologías está relacionado a las crisis ambientales, sociales y económicas de las sociedades modernas, sin embargo, para los estados son estas mismas herramientas las que se esperan que permitan resolver dichas problemáticas” (GARCÍA, 2021, p. 127).

Seguindo, ao pensarmos em recepção, remetemos a uma viagem, com o pouso corporal em um lugar aguardando ser recebido por outrem que aperta sua mão e conduz a um quarto de descanso. Porém, recepcionar alguém que está materializado pela tecnologia se torna desafiador quando extintas as possibilidades do cheiro, do calor, do toque. Mesmo assim, restam-nos o sorriso, os sons, as palavras que por vibração atravessam distâncias continentais.

Para isso, percebemos a importância em quebrar protocolos, comentar trivialidades, observar o lugar de quem se apresenta, já que, apesar de compartilhar uma mesma “sala virtual”, estamos sob várias camadas arquitetônicas residenciais ou não. Daí a importância de dinâmicas, metáforas ou propostas lúdicas que construíssem gradativamente uma ambiência destensionada, em que a assertividade de combinados dialogados comporia um “lugar de chegada”.

Noutro ponto, a acomodação necessita da criação de segurança e confiança para que a zona de tensão se dissipe, o relaxamento se instaure e a possibilidade do diálogo afetuoso aconteça. “Deixar a vontade” como expressão popular, se propõe, em um evento de natureza educacional, como diluidor das angústias de apresentar o trabalho para “desconhecidos”, mas não significa deixar o desejo imperar sem compreender os mecanismos que serão trabalhados. Em uma viagem, ficamos à vontade, mas é necessário ter um planejamento para saber o que se deseja fazer, para onde se quer ir, portanto acomodar é fazer compreender que a viagem será agradável e que é possível confiar nas conduções. Só com o processo de acomodação instaurado é possível canalizar uma interação empática.

A interação se torna um momento de grandes movimentos expressivos, em que a troca se materializa evidenciando repertórios, conceitos, empatias, comunicações enfáticas, e vão dando um tom na musicalidade de quem fala ou aprecia. Percebemos a necessidade de equacionar frequências de maneira a tornar quem fala e o que se fala respeitoso e colaborativo. Por isso, no Colóquio, propusemos uma sequência modular, com: a) leitura de trabalhos de outras

peças do Grupo, mas sem nomear membros; b) construção de perguntas escritas num texto coletivo; c) conversa sobre o resumo lido; d) troca de saberes entre participantes. Essa sequência distribuída entre os dias de encontro promoviam uma apresentação de si e do coletivo mais aprofundada.

Por fim, a apresentação, como ocasião master de um evento acadêmico, pode se tornar algo estressante. O que apresentar? Como apresentar? Para quem apresentar? O que vão pensar da apresentação? Quem sou eu que apresento? São perguntas que perpassam nossa mente em eventos, porém, quando alguns procedimentos vividos na recepção, acomodação e interação se dão de maneira satisfatória, as angústias da apresentação se esvaem, e resta a potência de quem apresenta para a potência de quem ouve e comenta.

Toda essa RAIA nos possibilitou criar uma imagem representativa do II CIPA apoiada nas oralidades flutuadas às várias cidades que compunham o evento:

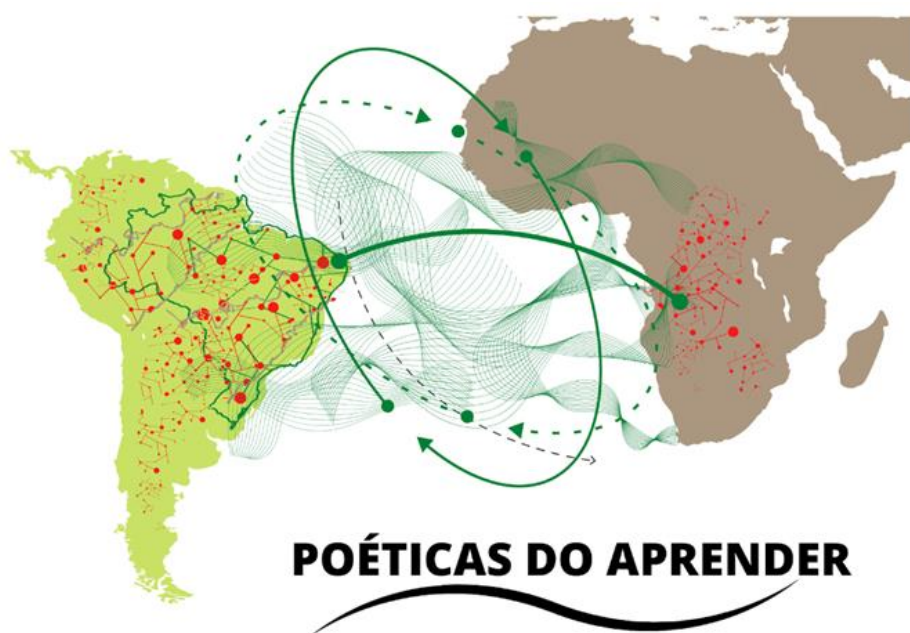


Figura 1 Proposta poética de imagem dos trabalhos no II CIPA
Acervo da pesquisa

A imagem acima representa a perspectiva que o artigo vem discutindo sobre os processos de aprendizagem poetizado nas trocas dialógicas discutidas com o Grupo por três dias seguidos. A partir dos microfones ligados junto à expressividade corporal revelada na câmera tivemos a demonstração de que as ações de pesquisa dos(as) participantes se espalharam por várias cidades, vertendo a pandemia do isolamento em possibilidades de reconexão. As luzes das telas se acendiam junto às redes neurais de participantes, rompendo fronteiras geográficas, ao mesmo tempo em que nos situam no lugar/cidade de fala. Formava-se nas poéticas do aprender um redemoinho de ideias a serem compostas em uma escrita coletiva, onde pesquisas não eram mais solitárias, pois encontravam corpos afetuosos interessados no contexto de outros corpos.

Construção de sentidos dos fazeres acadêmicos (re)humanizadores no formato remoto

É importante defendermos aqui que a própria escrita deste artigo já é um exercício herdado dos atravessamentos nas poéticas do Colóquio. Dizemos isso porque a maneira como o pensamos em dupla e o estruturamos apresenta um construir liberto e respeitoso, digno de entender os limites transeuntes da criação conjunta. Há de se inspirar na companheira e no companheiro de pesquisa, por sua sistematização travestida em escrita articuladora, próprio deste fazer, com o qual o artigo dialoga diretamente ao *modus operandi* do Colóquio. Em sentido mais poético, convidamos quem lê a adentrar neste artigo a partir de suas pontes aéreas, no desejo de viajarem por este trabalho/relato de tantas regiões do Brasil e com pessoas representantes da multipluralidade do ensino de teatro em momentos de crise.

Pedimos que permaneçam com os cintos desafivelados, com as amarras do academicismo científico soltas, com o olhar inebriante aos temas aqui discutidos,

com a mente aguçada aos movimentos conceituais da nossa viagem, e, principalmente, aproveitam a viagem que é processo, e não produto.

Dito isto, o artigo agrupa saberes e fazeres de pesquisadores(as) e docentes de várias regiões do Brasil e de Luanda/Angola, refletindo sobre as maneiras que cada pessoa encontrou para se aventurar nesse momento pandêmico. A proposta de viagem se dá, ainda, pelo fato de termos conseguido no evento este caminho até as localidades de desenvolvimento das pesquisas, como mostra a figura 2 abaixo:



Figura 2 Cartografia das pessoas e lugares do Grupo 6 no II CIPA
Acervo da pesquisa

Essa imagem foi gerada pela leitura dos textos, pela proposta lúdica nos encontros, por conseguirmos uma circulação das falas, pela visita às casas com câmeras abertas, pela disponibilidade corporal de quem participou, pelas curiosidades sobre os temas apresentados, mas sem esquecer das turbulências.

Assim, dentro da proposta do evento – em quebrar o paradigma do distanciamento imposto pela pandemia – trouxemos para participantes do Grupo elementos de flexibilização e ludicidade. Estes elementos se compuseram entre: a) dinâmicas; b) narrativas; c) exercícios de visualização; d) comentários sociais; e) dilatação do tempo/espço. Houve a preocupação em promover uma recepção

às pessoas de maneira que o travamento em apresentar trabalhos científicos, ou mesmo ouvir comentários sobre o próprio trabalho, fossem diluídos em leveza.

Inseridos em um contexto pandêmico, no qual o excesso de informações vem tomando nosso cotidiano atravessando a necessidade compulsória de produtivismo acadêmico e a importância de lutar pela permanência das aulas de artes/teatro, deparamo-nos com um momento de olhares mais preocupados com o produto, quase desconsiderando o processo, tornando-se uma das consequências dos atropelamentos entre os vários campos de nossas vidas precisando caber em um único espaço: nossas casas.

É inegável o quanto o ensino remoto nos trouxe a facilidade de transitar entre eventos acadêmicos possibilitando diálogos diversos sobre saberes e fazeres nas áreas das artes e educação, fazendo com que professores-artistas conscientes de sua necessidade constante de defender a permanência e importância das artes nas escolas desenvolvessem trabalhos, atentando-se ao fato de que:

a presença das artes cênicas nas discussões sobre as propostas de atividades educativas remotas é um posicionamento político necessário na disputa pela afirmação do ensino de teatro na escola como componente curricular indispensável. (OLIVEIRA, 2020, p. 71)

Desse modo, o tema do II Colóquio Internacional Poéticas do Aprender (II CIPA), “(im)possibilidades do teatro na escola em tempos de pandemia”, teve como intuito viabilizar diálogos a respeito das diferentes invenções e estratégias tomadas por docentes de artes/teatro – em formação ou exercício – em meio às circunstâncias pandêmicas vividas em espaços educativos formais e informais. Atentando-se ao fator longínquo de duração da pandemia, aos efeitos desse período e à necessidade do reinventar-se no cotidiano das práticas docentes, em

seu convite para inscrições de trabalhos, direcionando os debates a serem levantados e discutidos, o II CIPA destaca:

Considerando as dimensões que esse desafio encontrou no caso da docência em teatro, o Colóquio Poéticas do Aprender convida as pessoas interessadas a conversarem em torno das seguintes perguntas:

- É possível aula de Teatro na escola em formato remoto?
 - O que docentes e estudantes de artes/teatro das escolas estão propondo/investigando/criando/inventando para as suas aulas no formato remoto?
 - O que sentem os/as docentes de artes/teatro das escolas em relação à sua atuação profissional nesses tempos de pandemia?
 - O que sentem os/as gestores e demais agentes escolares em relação aos impactos da pandemia sobre a escola?
- (COUTINHO, 2021, p. 2)

Para cumprir com seus princípios de “Colóquio” enquanto sinônimo de “conversação”, os momentos do II CIPA relativos aos Grupos de Conversa tiveram como premissa central de sua proposta o exercício de “escuta e fala sensíveis” para a relação e composição da conversa como um jogo. Nesse sentido, nós, enquanto coordenadores, também éramos participantes do Grupo na qualidade de “conversadores”, uma vez que também inscrevemos trabalhos a serem discutidos e, mesmo com a responsabilidade da condução dos encontros, participávamos de toda a proposta. Relativo a isso, no documento enviado pela organização do evento aos coordenadores, tínhamos o seguinte apontamento:

Lembre-se que o exercício destes princípios está sendo proposto aos participantes dos Grupos de Conversa, incluindo-se também os próprios coordenadores, que estão convidados a se experimentarem nesse lugar da coordenação considerando, em relação a si, os mesmos princípios do evento. Aqui não se pretende ensinar nada, embora juntas as pessoas possam aprender muitas coisas que não sabemos de antemão quais são. (COUTINHO, 2021, p. 1)

Tratando-se de um evento acadêmico no qual a intenção não era apresentar nossos trabalhos, mas propor uma dinâmica de estudarmos juntos —ler, perguntar-se, lançar questões ao Grupo, conversar sobre o tema do evento — gerando diálogos a partir das diversas experiências, e nos fazendo vulneráveis, nos colocando também no risco de apresentar o trabalho do outro, fomos ao encontro de Larrosa (2002, p. 25), quando o autor diz:

Do ponto de vista da experiência, o importante não é nem a posição (nossa maneira de pormos), nem a “o-posição” (nossa maneira de opormos), nem a “im-posição” (nossa maneira de impormos), nem a “pro-posição” (nossa maneira de propormos), mas a “ex-posição”, nossa maneira de “expormos”, com tudo o que isso tem de vulnerabilidade e de risco. Por isso é incapaz de experiência aquele a quem nada lhe passa, a quem nada lhe acontece, a quem nada lhe sucede, a quem nada o toca, nada lhe chega, nada o afeta, a quem nada o ameaça, a quem nada ocorre.

Larrosa (2002, p. 25) afirma que “a experiência é em primeiro lugar um encontro ou uma relação com algo que se experimenta, que se prova”. Nesse sentido, percebemos que o II CIPA criou algumas condições para nos colocarmos à disposição de irmos ao encontro de um evento acadêmico desprovidos do academicismo a que estamos acostumados, o que nos permitiu uma “ex-posição” principiada no jogo, sugerindo novas formas de pensarmos a academia.

O jogo no Grupo 6

Convidando as pessoas a conversarem sobre o tema do evento, o II CIPA propôs a ludicidade como ponto chave de desencadeamento dos encontros, entendida como acontecimento próprio da experiência do aprender independente de faixa etária (considerando-se que o lúdico costuma ser associado na maioria das vezes a práticas de crianças). Baseados na premissa lúdica do Colóquio, para iniciarmos as atividades com o Grupo 6, compactuamos com a noção de que:

O objeto de nosso estudo é o jogo como forma específica de atividade, como “forma significativa”, como função social. [...] Procuraremos considerar o jogo como o fazem os próprios jogadores, isto é, em sua significação primária. Se verificarmos que o jogo se baseia na manipulação de certas imagens, numa certa “imaginação” da realidade (ou seja, a transformação desta em imagens), nossa preocupação fundamental será, então, captar o valor e o significado dessas imagens e dessa “imaginação”. (HUIZINGA, 2005, p. 6)

Dessa maneira, iniciamos o trabalho propondo uma dinâmica com uma xícara invisível, na qual a bebida contida no recipiente representava todos os nossos conhecimentos, títulos e o que mais compunha nossas chamadas

identidades acadêmicas, a fim de ser esvaziada neste primeiro encontro para que pudéssemos seguir no anonimato das titulações, abertos ao diálogo e dispostos a (re)preencher nossas xícaras ao longo do evento.

Após a dinâmica, iniciamos uma narrativa, como uma contação de estória, retratando traços comuns sobre ir a um evento como este: estávamos em deslocamento para chegar ao CIPA, esperando nossos ônibus em rodoviárias, aviões em aeroportos, até que houve um anúncio de *lockdown*, um efeito da pandemia e, ao esperar para voltar para casa, nos deparamos com um texto. Esse texto não estava assinado por nenhum autor ou autora. Seguiu anônimo. Porém, o interesse foi despertado por tratar-se de uma escrita acerca de experiências de aulas de artes/teatro no formato remoto, tema comum que nos atravessava.

Através da instauração de um jogo lúdico de imaginação, o Grupo foi tomando conhecimento das outras regras do jogo daquela noite: cada pessoa receberia um número correspondente a um texto sem identificação de autoria, sobre o qual deveria fazer duas perguntas ou comentários, registrando-os no bloco de notas coletivo (documento compartilhado via Google Docs), para, em seguida, ler os seus registros para o Grupo. No decorrer do encontro, nos espantamos com o comprometimento e envolvimento das pessoas na proposta, mantendo as regras como mote de jogo e mostrando-se disponíveis para as possibilidades de seguir jogando!

O diferencial da noite anterior em termos trabalhado com textos que não de nossa autoria nos colocou em um estado de (boa e saudável) ansiedade para dialogarmos entre nós, em busca de adivinharmos com quem estávamos falando. A leitura coletiva do bloco de notas foi um momento suspensivo e contagiante. A participação unânime, a maneira como o que ali estava escrito aleatoriamente se encaixava, se respondia, conversava entre si, foi o que de fato nos uniu como um Grupo que, com ideais que se atravessavam, lutava pelo ensino de teatro nas escolas do Brasil e de Luanda. Dar nome e rosto a quem escreveu textos tão inspiradores sobre o teatro no ensino remoto foi energizante. A conversa foi

ficando tão interessante, profunda e envolvente que, mesmo passando do horário de término do encontro, algumas pessoas não concluíram sua participação naquela noite.

Foi assim que iniciamos o terceiro e último encontro do Grupo, como numa espiral, retomando a noite anterior, o que nos levou a novas apresentações, novos encontros, novos caminhos de conversa, gerando um estado de aquecimento para a escrita coletiva, que era a principal regra do jogo da terceira noite. Começamos o exercício apenas por volta das 19h30 e em um piscar de olhos já tinha se passado mais de uma hora de escrita coletiva. Deixamos os 30 minutos finais para as pessoas falarem sobre a experiência de participarem do II CIPA. Todas as falas versaram sobre a estrutura inovadora do evento em formato remoto e o afeto com que cada atividade foi pensada e colocada em prática. Saímos naquela noite com a palavra HUMANO definindo o evento, a programação, a condução e, sobretudo, a experiência.

Considerações finais

Este artigo se situa numa perspectiva metodológica cartográfica: o mapeamento dos lugares, a localização das pessoas e as ações desenvolvidas no Grupo de Conversa 6 do II CIPA foram dispostos numa proposta de mapa de viagem pelo ensino cênico. A experiência do evento nos permitiu perceber a força da ludicidade para problematizar maneiras de produzir e participar de eventos acadêmicos, entendendo-os como espaço para a (re)humanização, em que partilhar saberes não estaria restrito ao ato de apresentar um trabalho, mas que tem também a ver com uma entrega confiada de si a pessoas “desconhecidas”.

Uma conversação dialógica junto às câmeras abertas, microfones ligados, e principalmente ao olhar atento. Todo esse prospecto lúdico favoreceu mobilizações criativas em um texto coletivo, incluindo a deflagração de poesias baseadas nos textos acadêmicos discutidos. Poesias sobre o universo discente,

docente, estrutural, pedagógico, pandêmico, remoto que nos colocou em uma mesma cartografia: a de humanizar o ensino apesar dos desafios. Abaixo finalizamos este trabalho (ou viagem) com duas poesias paridas no contexto do Colóquio e vinculadas às discussões com participantes do Grupo 6 (nominados após as poesias).

<p>A pandemia chegou Tivemos que nos afastar O que nos aproximou Foi o uso do celular.</p> <p>As aulas de artes, assim como a vida precisou se reinventar mas o que fazer, se os alunos não têm como participar?</p> <p>Envolver os pais no processo, tornou-se ainda mais importante assim os alunos participariam de uma proposta interessante.</p> <p>Com a <u>videodança</u> documental surgiu um novo horizonte as crianças fizeram arte em meio a uma pandemia mundial</p> <p>Jullyana Julião</p>	<p>Ao caminhar metros "<u>longeados</u>" Alunos se consomem Se tremem, se somem Em busca de cadeados Que lhe retirem da fome</p> <p>O fígado dolorido Absorvente dos problemas Traz crema, envenena Nesse país corrompido Onde escola e teatro é parido</p> <p>Parido pelas brechas Pelos lutas, pelas cenas Transgredindo as falsas metas, discretas Absortas em dilemas entre comer e estudar Entre ir ou ficar, entre morrer ou se curar Onde fica o teatro, a dança, a arte?</p> <p>A música em toda parte de ruídos reprimidos, datados e vazios A arte fica nas entranhas pra que a opressão não se torne tamanha Dê luz a autonomia, à libertação, à cria, mesmo na distância vazia Carregue o sentir de <u>outrém</u> nessa nossa natureza gregária que alguns dizem ser gentalha, mas que pra nós é rasga- mortalha Rasgando as regras da indiferença, arte em estado de presença Acorda para a sentença em mudar a realidade migalha.</p> <p>Leandro Miranda</p>
---	--

Figura 3 Poesias construídas durante o trabalho com o Grupo 6 no II CIPA
Acervo da pesquisa

Participantes do Grupo de Conversa 6 do II CIPA:

Everton da Silva José: PRESENTE – São Paulo/SP

João Francisco de Azevedo Neto: PRESENTE – Ceará-Mirim/RN

João Vítor Ferreira Nunes – João Vítor Mulato: PRESENTE – Natal/RN

Jullyana Maria Moreira Julião: PRESENTE – Natal/RN

Leandro Augusto e Silva Miranda Cavalcante: PRESENTE – Natal/RN

Maíra Leme de Andrade: PRESENTE – Paraty/RJ

Matheus Vinicius de Sousa Fernandes: PRESENTE – Campo Grande/MS

Nathalia Susan De Assis Araujo: PRESENTE – Natal/RN
Núbia Kalumbí Jesus Oliveira: PRESENTE – Senhor do Bonfim/BA
Ohanna Simioni Picolo Pereira: PRESENTE – Criciúma/SC
Paulino Tchiloia Bimba Lunono: PRESENTE – Luanda/Angola
Tânia Mara Silva Meireles: PRESENTE – Belo Horizonte/MG
Vanessa Caldeira Leite: PRESENTE – Pelotas/RS

Referências

COUTINHO, Karyne Dias. Proposta de Trabalho nos Grupos de Conversa. II Colóquio Internacional Poéticas do Aprender: (im)possibilidades do teatro na escola em tempos de pandemia. Natal, UFRN, 2021.

GARCÍA, Mario Alberto Velázquez. El multiverso social como realidade: la pandemia del Covid19. Encuentros. Revista de Ciencias Humanas, Teoría Social y Pensamiento Crítico. Universidad Nacional Experimental Rafael María Baralt Maracaibo, Venezuela, n. 14, p. 121-128, jul./dic. 2021.

HUIZINGA, Johan. Homo ludens. São Paulo: Perspectiva, 2005.

LARROSA, Jorge. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. Revista Brasileira de Educação, Rio de Janeiro, n. 19, p. 20-28, abr., 2002.

OLIVEIRA, Maskin. Ações diante do intempestivo: o posicionamento necessário do ensino de teatro em tempos de isolamento social. Rebento, São Paulo, n. 12, p. 69-84, jan./jun., 2020.